

Manifestações da relação eu/alteridade em O Cemitério dos vivos, de Lima Barreto
Manifestations of the relationship between myself and others in O Cemitério dos vivos,
of Lima Barreto

Manifestaciones de la relación yo/alteridad en O Cemitério dos vivos, de Lima Barreto

Recebido: 07/12/2020 | Revisado: 11/12/2020 | Aceito: 13/12/2020 | Publicado: 15/12/2020

José Vieira Chaves Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4382-8591>

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: josevieiraneto84@hotmail.com

Resumo

Este artigo pretende investigar as possíveis relações existentes entre o produto literário e o universo social utilizando como base a obra O Cemitério dos Vivos, do autor carioca Lima Barreto. Para tanto, é necessário que ocorra uma nova abordagem acerca das propriedades que envolvem a categoria Literatura e também a categoria sociedade e em que momento esses dois pontos se unem e contribuem para a elaboração do produto estético representado pela obra literária. Para substanciar esse artigo, utilizou-se o aporte teórico defendido por Candido (2006), cuja abordagem acerca da relação entre literatura e sociedade é primordial para objetivo aqui pretendido. Aproximamo-nos, também, de Schwarcz (2017) e Kilomba (2019), cujas perspectivas marcadas pela ótica social do homem foram abordadas com ênfase neste artigo. A obra do escritor Lima Barreto aqui delimitada apresenta aspectos muito próximos do contexto social que cerca esse autor, o que propicia uma abordagem mais detalhada dessa relação. Desse modo, este artigo tentou mostrar, através da análise conteudística, e em menor grau formal, o suporte onde tais categorias, literatura e âmbito social, se encontram na obra O Cemitério dos Vivos. Verificou-se, na conclusão desse estudo, que a relação do escritor Lima Barreto e o meio social ao qual pertence, é determinante para a materialização de nuances de ordem tanto exteriores quanto interiores, expondo, dessa maneira, a vinculação do elemento subjetivo (eu) e o elemento exterior (representado pela sociedade).

Palavras-chave: Lima Barreto; Literatura; Sociedade; Antonio Candido; O Cemitério dos vivos.

Abstract

This article intends to investigate the possible relations between the literary product and the social universe using as basis the work *O Cemitério dos Vivos*, by the carioca author Lima Barreto. In order to do so, it is necessary that a new approach takes place on the properties that involve the Literature category and also the category society and at what point these two points unite and contribute to the elaboration of the aesthetic product represented by the literary work. To substantiate this article, we used the theoretical contribution defended by Candido (2006), whose approach about the relationship between literature and society is essential for the objective here intended. We also approach Schwarcz (2017) and Kilomba (2019), whose perspectives marked by the social perspective of man were addressed with emphasis in this article. The work of the writer Lima Barreto delimited here presents aspects very close to the social context surrounding this author, which provides a more detailed approach to this relationship. Thus, this article tried to show, through content analysis, and to a lesser formal degree, the support where such categories, literature and social scope are found in the work *O Cemitério dos Vivos*. In the conclusion of this study, it was verified that the relationship between the writer Lima Barreto and the social environment to which he belongs is determinant for the materialization of both exterior and interior nuances, thus exposing the link between the subjective element (I) and the exterior element (represented by society).

Keywords: Lima Barreto; Literature; Society; Antonio Candido; *O Cemitério dos vivos*.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar las posibles relaciones entre el producto literario y el universo social utilizando como base la obra *O Cemitério dos Vivos*, del autor carioca Lima Barreto. Para ello es necesario que se produzca un nuevo acercamiento a las propiedades que involucran a la categoría de la literatura y también a la categoría de la sociedad y en qué momento estos dos puntos se unen y contribuyen a la elaboración del producto estético que representa la obra literaria. Para fundamentar este artículo, hemos utilizado la contribución teórica defendida por Candido (2006), cuyo enfoque sobre las relaciones entre la literatura y la sociedad es primordial para el propósito que aquí se pretende. También nos acercamos a Schwarcz (2017) y Kilomba (2019), cuyas perspectivas marcadas por la perspectiva social del hombre fueron abordadas con énfasis en este artículo. La obra del escritor Lima Barreto que se describe aquí presenta aspectos muy cercanos al contexto social que rodea a este autor, lo que proporciona un enfoque más detallado de esta

relación. De esta manera, este artículo ha tratado de mostrar, a través del análisis del contenido, y en menor medida formal, el soporte donde se encuentran dichas categorías, la literatura y el alcance social, en la obra *O Cemitério dos Vivos*. En la conclusión de este estudio se comprobó que la relación entre el escritor Lima Barreto y el entorno social al que pertenece es determinante para la materialización de los matices tanto exteriores como interiores, exponiendo así el vínculo entre el elemento subjetivo (I) y el elemento exterior (representado por la sociedad).

Palabras clave: Lima Barreto; Literatura; La sociedade; Antonio Candido; *O Cemitério dos vivos*.

1. Introdução

Certos pontos – a nível de escolhas estéticas – adotados na obra de Lima Barreto, são constantes em sua trajetória criadora, e, dessa forma, tornam nítidas algumas demandas e orientações logísticas daí resultantes. Por conseguinte, analisar a obra barretiana sem levar em consideração essa multiplicidade temática é reduzir unilateralmente a experiência estética do escritor.

As abordagens acerca do construto literário têm apresentado fatores díspares no decorrer da evolução da Literatura. Isso implica dizer que, ao estabelecimento de um viés crítico uno, existe uma outra perspectiva que se contrapõe a este viés, que, nesse processo antitético, oferece uma análise adequada aos elementos estéticos constituintes e diversos do objeto literário. Desse modo, uma obra literária pode ser analisada sob vários prismas analíticos, o que enriquece sua recepção, tendo em vista as contribuições específicas que tais análises trazem para seu universo particular.

Diante dessa constatação, pode-se perceber que Lima Barreto adentra densamente no universo existencial humano ao transferir secamente para sua obra os aspectos presentes e constantes de sua vida pessoal. Isso, obviamente, delimita os limites de atuação do escritor carioca, tornando-se, logo, uma tônica em sua produção. Como afirma Hidalgo (2008):

Ao ser internado nas primeiras duas décadas do século XX, sob o diagnóstico de *alcoolismo*, Lima Barreto recebeu essa penosa herança, estilhaçada em rótulos. Afinal, o escritor era o ponto de interseção dos clichês do hospício: *pobre, mulato, bêbado, a-social*. Agravava a sua condição a ascendência negra num período conturbado da psiquiatria no país, quando germinavam entre especialistas brasileiros as noções de eugenia importadas da intelectualidade européia do início do século XX - o que culminaria com a fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental, para a qual os *não-*

brancos seriam dotados de tendências psíquicas supostamente lesivas a uma idealizada raça brasileira (Hidalgo, 2008).

A junção de características tão evidentes e naturais em Lima Barreto torna-se, no seu contexto histórico de atuação, infelizmente, um fator de tensão para o autor. Isso devido ao fato deste agrupar em si, aspectos forçosamente reprováveis à sociedade de então (a negritude, a pobreza assim como a loucura que o acometeria).

A mentalidade da sociedade carioca (e brasileira) de fins do século XIX e início do século XX apresentava um perfil notadamente retrógrado, elitista e reducionista. Fugir aos padrões sociais em voga, ainda mais sendo um literato, caso de Lima, era um fator determinante para a exclusão artística, assim também como um fator decisivo para o menosprezo social.

Não raro o autor sofreu ataques, poucas vezes velados, dessa *assincronia social*. Tanto no meio profissional quanto no meio literário. A ausência de uma mentalidade que se dispusesse a contra-atacar esses padrões, ou mesmo a existência de núcleos desarticulados, fez prevalecer a perspectiva emanada das classes sociais dominantes, que refletiam a ordem componente, por tabela, das percepções que estruturavam o cânone da crítica literária nacional.

Pretende-se, nesse trabalho, analisar como as incidências de uma sociedade redutora, assim também como buscará compreender como as nuances pessoais do autor formaram um suporte para a estruturação da obra de Lima Barreto e de como essa relação é evidenciada e explorada na obra *O Cemitério dos vivos*.

2. Metodologia

Para viabilizar o objetivo aqui pretendido, partimos, primeiramente, da observância estrutural acerca do objeto de análise desse artigo, ou seja, a obra *O cemitério dos vivos*. Isso implica em um exame necessário sobre a constituição do escritor Lima Barreto levando em consideração a aproximação entre o aspecto biográfico presente em parte considerável da obra do autor.

Logo, ao visualizarmos esse horizonte específico, vimos como oportuna a utilização da autora Beatriz Resende como caminho teórico e analítico, mais especificamente na obra *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos* (2016), fato que nos auxiliou na elaboração do escopo delineado nesse artigo. A atuação de Barreto nos leva a uma confluência entre a

observância de uma realidade concreta através do olhar particularizado de quem a experiência e a possibilidade de inserção/remodelação dessa realidade.

O ponto de continuidade desse processo envolve uma aproximação com a perspectiva sociológica que abrange o fenômeno literário. Para tanto, viu-se, como suporte necessário, a perspectiva extraída de Antonio Candido, mais especificamente a que se manifesta em *Literatura e Sociedade* (2006). Nos limites desse trabalho, a literatura será delimitada como um construto capaz de abarcar as nuances derivadas do âmbito social e, ao mesmo tempo, projetar a personificação do elemento o qual incide o substrato humano, no caso, aquele que observa e absorve tais resultantes.

Assim, ao demarcarmos a obra *O Cemitério dos vivos*, adentramos em um universo que transita consideravelmente por instâncias que, ao se complementarem, expõem a relação conflituosa entre aquele que a representa e aquilo que é representado - os aspectos sociais. Infere-se que, apresentada a densidade envolvida nessa manifestação, há a probabilidade concreta de surgimento de vozes/lugares divergentes (autor-narrador-personagem) que veem na estrutura literária um canal de comunicação e manifestação de significados.

Vimos a necessidade de verificar os pontos de vinculação entre o construto literário e as incidências que têm origem nos complexos sociais, e o posicionamento artístico do escritor Lima Barreto proporciona uma potencialidade analítica substancial dentro desse âmbito. Para tanto, ancoramos o método de desenvolvimento desse artigo naquilo que Pereira (2018) classifica como EC (Estudo de Caso):

Nos estudos exploratórios, analíticos ou descritivos, uma forma de investigação muito utilizada é o Estudo de Caso (EC). Um caso é um acontecimento ou um fenômeno em estudo. O EC é uma metodologia de estudo de fenômenos individuais ou, processos sociais. Há uma gama muito grande e variada de estudos que se classificam na categoria metodológica dos EC (Pereira, 2018, pág 70).

Vislumbrar isso é, na verdade, assimilar a concepção de que a atividade literária - e consequentemente a obra literária - é um fenômeno suscetível aos impulsos sistemáticos oriundos do meio social. Lima Barreto, como escritor negro, amplificou esse panorama no momento em que se estabeleceu como sujeito ciente de sua posição em uma conjuntura social adversa e restritiva. Vimos, também, nessa perspectiva, a possibilidade de nos aproximarmos de Cuti (2009), tendo em vista a contribuição que este traz ao estudo que abrange as relações literárias e sociais. A partir da visualização desse horizonte representativo, em que o escritor Lima Barreto insere-se como agente central, partiu, pois, a abordagem feita nesse artigo.

3. Resultados e Discussão

Em *O Cemitério dos vivos*, há uma forte manifestação do posicionamento pessoal do escritor transferida para o personagem central da narrativa, Vicente Mascarenhas. É certo que essa metamorfose estética não consegue blindar as manifestações de Barreto demonstradas continuamente no andamento da obra, mas isso acaba se transformando em um elemento constituinte e significativo do livro.

Percebeu-se, nessa análise, que a literatura, enquanto manifestação artística, opera com elementos capazes de estabelecer uma conexão substancial entre um agente particular (o eu que atua como elaborador do construto literário) e a pluralidade que o cerca (aqui entra não somente os elementos humanos, mas também as instituições e práticas comportamentais que cercam o escritor). Lima Barreto, um escritor negro, vivendo em contato com uma sociedade recentemente saída do estágio escravocrata e sofrendo com as segregações morais e materiais impostas nesse contexto redutor, acabou enxergando na atividade literária um mecanismo de combate e autoafirmação. De acordo com Cuti (2009):

A atividade literária, com seu pressuposto de acúmulo de conhecimento para um saber básico, o que implica meios disponíveis (tempo, acesso à informação e recursos para a sobrevivência) era (e continua sendo) um atributo de classe com recorte social. As exceções confirmam a regra. Portanto, àqueles negros brasileiros que conseguiram furar o bloqueio inicial, restará a aventura de descobrir estratégias eficazes para adentrar e permanecer no mundo literário, onde também não faltarão as expectativas e as regras para melhor se conseguir o sucesso (Cuti, 2009, pág. 66).

É perceptível, na citação do estudioso, que as demandas para um indivíduo como Barreto eram amplificadas, e isso foi um fator determinante para a constituição da performance literária do mesmo.

Lima Barreto foi um escritor revolucionário no que de mais contundente esse termo abrange. Ao estabelecer como viés de atuação uma escrita permeada por intenções que ultrapassam o universo estético e literário, o escritor construiu uma *persona* particular, cultivando ao mesmo tempo tanto detratores de quanto admiradores de sua obra.

Esse é um contraponto que perdurará durante todo o seu percurso criativo até culminar em sua trágica e precoce morte aos 41 anos. Negar que esses fatores não foram determinantes para a construção da personalidade de Lima é não atentar para sua gênese humana e artística. De fato, há uma preponderância da tez pessoal em seus escritos, o que contribuiu para uma

percepção unidimensional de seus construtos literários e, conseqüentemente, para uma postura redutora dos mesmos.

Ora, enquanto ser social, o autor não está imune às incidências desse universo que o circunda. O que diferencia as percepções dos autores literários em maior ou menor grau é a observação de como esses constroem suas percepções estéticas tendo em mente os elementos exteriores que povoam seus círculos particulares. Para Rosenfeld (2009):

“Os critérios de valorização, principalmente estética, permitem-nos considerar uma série de obras de caráter não-ficcional como obras de arte literárias e eliminar, de outro lado, muitas obras de ficção que não atingem certo nível estético. O uso conjunto de ambos os critérios recortaria, dentro do próprio campo das belas letras, uma área de intersecção limitada àquelas obras que ao mesmo tempo tenham caráter ficcional e alcancem alto nível estético” (Rosenfeld, 2009, p. 12).

Logo, transformar eficazmente ou não essa realidade particular é uma atividade intrínseca a cada autor, e entrelaçar ficcionalidade e não ficcionalidade de forma eficaz pode ser uma atividade não perceptível para os receptores, quer sejam eles críticos literários ou quer sejam apenas diletantes literários. Em Barreto, são variados os fatores que o constituem, quer seja como homem quer seja como escritor.

A questão racial, temática muito forte em sua obra, expõe uma experiência pessoal que se tornaria recorrente em suas construções literárias. Sentir o estigma de ser negro em uma sociedade onde as oportunidades de ascensão eram quase que totalmente restritas às classes sociais mais abastadas, foi, sem dúvida, determinante para que o autor pudesse erigir seu ponto de vista humano e crítico, fato que contribuiu para sua percepção e formação estética.

Transpor essas idiosincrasias através do construto literário seria, também, uma forma de resistência, de se colocar no plano real e concreto dos homens e enfrentar as diversas formas de obstáculo projetadas nesse universo palpável. O *eu* se manifesta notadamente como uma concretização combativa, mas que não tem, inicialmente, clareza dessa perspectiva.

Ademais, Lima virtualiza essas contradições externas ao mesmo tempo em que as molda as direcionando para um fim específico. Ocorre, aqui, o estabelecimento de dois polos distintos mas complementares: o eu e os outros, aquilo que se mostra extremadamente para o escritor. Para Costa (2018):

Falar de escrita fora de si é entrar no universo de narrativas que aspiram revelar uma experiência que por definição parece ser indescritível. Por isso estes escritores geralmente são obrigados a lidar com as impossibilidades da linguagem e com as armadilhas da ficção dita autobiográfica que aqui preferimos optar pelo termo auto

ficção. São escritos paradoxais que transformam o corpo em protagonista principal, mas ao mesmo tempo instalam uma espécie de desprezo por essa questão que aprisiona e obstrui a infinita via de iluminação e de fusão com alguma instância superior (Costa, 2018).

Nessa perspectiva, os dois polos aparentemente díspares (o eu subjetivo e o exterior objetivo) agem como partes de um processo complementar que desembocam no produto final consubstanciado no construto literário. No entanto, e isso é explícito quando o cerne da análise é Lima Barreto, tal dicotomia não é imediatamente compreendida.

Pareceu haver um deliberado policiamento estético-político oriundo dos elaboradores da crítica oficial brasileira acerca da obra do escritor, fato que demonstra um desinteresse em não avaliar essa complementação dicotômica proposta e explícita submetendo-a a quaisquer verificações e abordagens estéticas. Por conseguinte, isso tornou Lima Barreto uma espécie de autor marginalizado dentro do meio literário nacional, gerando, uma concepção disseminada de que este não nutria apreço pelo processo estrutural de criação de suas obras.

Ora, se cada autor percebe seu universo exterior de forma díspar, se cada autor recria sua realidade de modo particular, qual motivação existiria para não observar o que de mais intrínseco a obra barretiana possuísse? Tal pressa analítica mostrou-se, claramente, danosa ao autor de Clara dos Anjos, tendo em vista o limbo receptivo que marcou sua experiência literária.

Obviamente que, como em toda atividade humana, existiram aqueles críticos que puderam observar todas as nuances advindas de um produto cultural específico e, desse modo, tiveram referenciais mais bem substanciados para elaborar uma análise menos direcionada.

No caso de Lima Barreto, quando do lançamento de Triste fim de Policarpo Quaresma, existiram manifestações que buscaram avaliar não somente o âmbito formal da proposta estética do escritor, assim como a intenção subjacente à forma do construto literário. É o caso de Manuel de Oliveira Lima, que – já em 1916 –, assim se referia à escrita encontrada em Triste fim de Policarpo Quaresma:

O Senhor Lima Barreto não se dá ao luxo, por vezes espantoso, de rebuscadas psicologias. Ao leitor deixa ele reconstituir o caráter dos seus personagens: o leitor, porém, o pode fazer sem fadiga, naturalmente, quase instintivamente, com os elementos postos à sua disposição - observações passageiras, fragmentos de diálogos, notações rápidas de sentimentos. De tudo isso se deriva uma psicologia completa, que melhor se grava no nosso espírito do que se fosse feita por meio de sutil e detalhada análise (Lima, 2011).

Nota-se que o aspecto formal da obra de Lima é sempre uma tônica observada nas análises críticas do período em que o autor mostrou-se ao mundo das letras. Parece que havia uma obsessão por parte dos críticos do autor em delimitar aspectos inerentes ao universo formal e eminentemente linguístico. Os casos em que os críticos ampliaram essa percepção e perceberam o ato de rebeldia implícito nas estruturas frasais componentes das obras barretianas são reduzidas no período.

Somente muito depois de sua morte é que houve uma reavaliação mais acurada de sua obra por parte dos críticos, o que ampliou a forma de recepção dessa perante os círculos literários nacionais. Lima passou a ser compreendido como um escritor particular, com características próprias e significativas e com um olhar sagaz acerca do mundo que vivenciava e compreendia. Não somente a questão racial esteve representada nas obras do autor, mas outros fatores significativos, como a estrutura social brasileira e suas lacunas.

A marginalização social foi um fator crucial para moldar não somente seu caráter pessoal, mas também o seu caráter artístico. As hierarquias sociais (e seus partícipes diversos) foram retratadas de forma intensa nas obras barretianas gerando, posteriormente, uma espécie de tensão entre o escritor e pessoas que conviviam com o mesmo e se sentiram, de certo modo, atingidas pelas referências feitas a elas.

Da mesma forma que algumas experiências vividas por Barreto nesse âmbito social, outra vivência do autor foi determinante para que sua experiência literária pudesse ser tingida com um tom autobiográfico: a internação em asilos cariocas destinados ao tratamento para os inadequados sociais. Essa tônica fica patente em *O Cemitério dos vivos* no momento em que a imagem do louco – aquele que é visto como o ser indesejável que deve ser ocultado da sociedade – se manifesta:

Entre no hospício no dia de Natal. Passei as famosas festas, as tradicionais festas de ano, entre as quatro paredes de um manicômio. Estive no pavilhão pouco tempo, cerca de vinte e quatro horas. O pavilhão de observação é uma espécie de dependência do hospício a que vão ter os doentes enviados pela polícia, isto é, os tidos e havidos por miseráveis e indigentes, antes de serem definitivamente internados. Em si, a providência é boa, porque entrega a liberdade de um indivíduo, não ao alvedrio de policiais de todos os matizes e títulos, gente sempre pouco vitalício, pois disposta a contrariar os poderosos; mas à consciência de um professor o diretor do pavilhão deve ser a lente de psiquiatria da faculdade, pessoa que deve ser perfeitamente independente, possuir uma cultura superior e um julgamento no caso acima de qualquer injunção subalterna (Barreto, 2010, pág. 177).

Ora, para um homem culto, consciente de suas atribuições sociais e artísticas, ver-se numa situação de total menosprezo social, em um espaço oficializado pelo estado, despido de

suas faculdades humanas por um processo direcionado para esse fim, fica evidente a inserção forçosa e degradante em um universo pessoal redutor. Isso, de fato, marcou negativamente Lima, ao ponto deste retratar, com poucas nuances de separação entre ele próprio e seus personagens, seu desgosto pelo sentido que a existência social e literária pudessem ter no futuro. Para Hidalgo (2008):

Ao ser internado nas primeiras duas décadas do século XX, sob o diagnóstico de *alcoolismo*, Lima Barreto recebeu essa penosa herança, estilhaçada em rótulos. Afinal, o escritor era o ponto de interseção dos clichês do hospício: *pobre, mulato, bêbado, a-social*. Agravava a sua condição a ascendência negra num período conturbado da psiquiatria no país, quando germinavam entre especialistas brasileiros as noções de eugenia importadas da intelectualidade européia do início do século XX - o que culminaria com a fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental, para a qual os *não-brancos* seriam dotados de tendências psíquicas supostamente lesivas a uma idealizada raça brasileira (Hidalgo, 2008).

Como desenvolver um construto literário sem a posse de um suporte material que permitisse um certo grau de segurança e liberdade artística, no que tange à obra literária? Lima Barreto teve densas incumbências familiares desde que seu pai, João Henriques de Lima Barreto torna-se inapto para a realização de atividades que exigem um grau considerável de sociabilidade.

Logo, à tarefa de provedor de sua família precoce aliam-se a responsabilidade laboral como funcionário público e também a atividade literária. Obviamente que tais demandas, como era de se imaginar, foram ficcionalizadas pelo escritor posteriormente, em suas obras, sem, contudo, buscar mascarar a realidade por ele vivenciada. Assim, essa urgência em contrapor uma realidade exterior adversa, foi mesclada ao texto como uma forma de resistência consciente.

É muito forte a presença de Lima Barreto nas ramificações criadas por alguns de seus personagens (Isaías Caminha e o próprio Vicente Mascarenhas, por exemplo), e essa percepção nos mostra o nível substancial de complexidade que envolve o fenômeno da criação literária. Sobre essa perspectiva associativa, entre autor e sua obra, Philippe Lejeune (2008) apregoa que: Assim, meu ver, meu correspondente descreve a função constante da literatura e do mito propor formas “gerais” que ajudem os leitores a estruturarem sua identidade. Mas isso não quer dizer que uma autobiografia “autêntica” deva forçosamente se reduzir à anedota e à contingência, e não possa, mesmo estando escrupulosamente preocupada com a verdade, atingir também essa generalidade. Nem que, inversamente, uma ficção expresse sempre, melhor do que uma autobiografia, a verdade individual profunda do seu autor: essa afirmação é, de fato, ou improvável (quem poderá julgar, em relação a quê?) ou insignificante (se isso

quer dizer simplesmente que tudo o que produzo vem de mim e se parece comigo) (Lejeune, 2003, p.106).

Esse, porém, não foi um fator assimilável nos meios críticos contemporâneos ao escritor. Pelo contrário, foi visto como um aspecto contraproducente para a obra. No geral, quando um construto, seja ele em que manifestação artística se encontre (música, pintura, literatura) se apresenta como desajustado dentro de um meio receptivo disseminado, tende a ser deslocado e marginalizado devido à incompreensão de sua estrutura pelos moldes que já estão referendados. O mesmo ocorreu com Barreto, com o agravante do mesmo ser, além de negro, uma pessoa não privilegiada economicamente, fato que muito dificultou a realização de suas criações.

Já se foi dito que Lima Barreto possuía um forte senso de combate contra o que ele considerava inadequado dentro de suas concepções particulares sobre o que seriam as relações sociais. Já se foi dito também que suas obras apresentam uma evidente estruturação autobiográfica. Ao invés de nos acomodarmos com essa definição, percebemos que é justamente nesse ponto que a obra do autor ganha densidade.

A obra *O Cemitério dos Vivos* não foge aos padrões barretianos. De notório teor autobiográfico, a obra apresenta como protagonista, o personagem Vicente Mascarenhas, uma espécie de Lima ficcionalizado e que possui características muito próximas do autor (a desvalia social, a tendência à loucura, a acidez no trato com os beneficiários do sistema social vicioso). A ironia do personagem principal diante das manifestações adversas é notória:

[...] Conhece o Samuel Belo? - Conheço. - Pois foi na revista dele. Não se lembra? - É verdade, escrevi lá. Notava eu que, à proporção que ele falava, considerava-me com desconfiança, não só a mim, como aos arredores. - Pois li. Meu irmão – Eduardo Alves – conhece? - Conheço. - É muito amigo do Samuel e escreveu lá também. É bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, sabia? - Sabia. - Tenho outro irmão que é também bacharel e o mais velho é médico. O meu futuro cunhado está a se formar em odontologia, eu já tenho quatro preparatórios. Tive uma grande vontade de rir-me, quando aquele respeitável disse-me com tanto orgulho isso. Nos meses que lá passei, não pude nunca deixar de me admirar do cândido entusiasmo que aquele rapaz tinha pelos títulos chamados acadêmicos (Barreto, 2010, p.229).

Vê-se aqui a distinção de perspectiva que o autor/protagonista nutre diante das convenções socialmente impostas e erigidas. Ao buscar uma motivação para a luta adversa do cotidiano, Vicente vai percebendo que as estruturas componentes da sociedade oferecem possibilidades quase nulas de transformação, ou seja, se há uma perspectiva de mudança e

ascensão existencial e material para o protagonista, as intempéries mostram que há uma estrutura quase imutável e imanente que o cerca, inviabilizando, por conseguinte, essa epifania particular. Vicente é o personagem indesejado, que rompe com a hipotética harmonia social que o abrange, o que nos aproxima da percepção adotada por Foucault (2013):

A loucura, portanto, é negatividade. Mas negatividade que se dá numa plenitude de fenômenos, segundo uma riqueza sabiamente disposta no jardim das espécies. No espaço limitado e definido por essa contradição realiza-se o conhecimento discursivo da loucura. Por baixo das figuras ordenadas e calmas da análise médica opera um difícil relacionamento, no qual se constitui o devir histórico: relacionamento entre o desatino, como sentido último da loucura, e a racionalidade, como forma de sua verdade (Foucault, 2013 p. 251).

Pela lógica foucaultiana, há uma ambivalência no momento em que a loucura é manifestada. Por um lado, surge o fenômeno da negatividade social, advindo das diretrizes construídas e disseminadas nos complexos sociais. Do outro, aparece o contraponto da negatividade social, cuja concretização se dá por uma racionalidade quase imperceptível dentro desse estado de desvario.

Têm-se, diante desse desenho sociológico e literário, uma forma de condicionamento que une duas categorias importantes: a literatura e a sociedade. Para Antonio Candido (2006), o plano social pode ser um contribuidor para o processo de criação literária:

a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista. Estas seriam nela tudo, se fosse possível o solipsismo; mas na medida em que o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra, e na medida em que ambos se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado (como alguém para quem se exprime algo), é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência. Este ponto de vista leva a investigar a maneira por que são condicionados socialmente os referidos elementos, que são também os três momentos indissoluvelmente ligados da produção, e se traduzem, no caso da comunicação artística, como autor, obra, público. A atuação dos fatores sociais varia conforme a arte considerada e a orientação geral a que obedecem as obras (Candido, p. 32, 2006).

Em Lima Barreto, a percepção entre as particularidades do eu subjetivo e as representações das múltiplas camadas exteriores a ele são constantemente colocadas frente a frente, como se houvesse um exercício de resistência psicológica. A Literatura surge como uma ferramenta promissora para absorver o plano realista da vida social. Obviamente, e isso é algo concreto, muitos observadores rechaçam completamente essa relação dual.

Nesse ponto, o movimento expresso pela dualidade eu/alteridade na obra *O Cemitério dos vivos* reforça um grau de vinculação que não manifesta significações dotadas de hermetismos, mas sim que expõe um protagonista desnudado e fragilizado diante da rispidez exterior. Facina (2004) defende que:

Em pelo menos dois sentidos, analisar o processo de criação literária requer um exercício antropológico. É preciso entender a lógica das visões de mundo, dos juízos de valor e das opiniões políticas que os escritores elaboram e seus textos. Concordemos ou não com suas ideias, explicá-las depende do reconhecimento de uma estrutura de argumentação, que pode ser mais ou menos coerente [...]. Assim podemos evitar rótulos, prejulgamentos, classificações rígidas que, por vezes, obscurecem contradições e ambiguidades que, incorporadas à pesquisa, a tornam mais enriquecedora (Facina, 2004, p. 46).

Para alguns receptores do construto literário, a literatura não tem necessidade de se tornar vital apenas pelo entrelaçamento com o plano real e deste fazer matéria-prima obrigatória da arte. No entanto, em *O Cemitério dos Vivos*, essa relação se faz evidente e complementar na medida em que o condicionado da obra é um ser inerentemente imbricado com variados fatores sociais que determinam e inserem os elementos humanos em diversificadas estruturas sociais. Para Calvino (2002), existe uma relação entre essas duas categorias:

[...] na intenção que todo escritor põe em seu projeto de obra está implícito um projeto de público. Mesmo o escritor mais inovador, mais árduo, mais contracorrente, e talvez precisamente mais ele que os outros, tem em mente um público próprio ou contrapúblico, sabe que esse contrapúblico (ainda que minoritário ou talvez ainda apenas potencial) já existe e é isso que conta (Calvino, 2002, p. 330).

O plano formal da obra literária é permeado pela relação dessas diversas estruturas, enquanto o plano conteudístico é originado das experiências sociais vivenciadas. Óbvio que as incidências sociais sofridas pelo autor são um meio de expor o quão diversificado é tecer com exatidão a linha entre o ficcional e o real e explorá-las conjuntamente dentro do corpus oferecido pela obra literária.

Vicente Mascarenhas expõe essa dicotomia através de seus atos e decisões, que embora possam parecer uma perspectiva dotada de vulnerabilidades, traduzo grau de consciência política de Lima Barreto. Schwarcz (2017), apresenta uma abordagem meticulosa acerca dessa perspectiva:

Ademais, com o desenvolvimento dos movimentos populares, crescia em Lima a consciência da marginalização das classes mais humildes naquela República que ele considerava um patrimônio dos oligarcas e do capital financeiro internacional. Entusiasmado com as “teses maximalistas” da Revolução de 1917, passou a nutrir clara simpatia pelas causas dos operariado e do anarquismo (Schwarcz, 2017, p. 363).

Desse modo, percebe-se o quanto o escritor tinha um senso aguçado de percepção social assim também como essa percepção ainda estava distante de ser referendada pelos críticos contemporâneos ao mesmo. Frise-se que a maestria barretiana reside na junção dessas duas categorias distintas (exterior-interior), muito embora permitisse uma certa assimetria quando da utilização das referidas categorias.

4. Conclusão

A relação existente entre os aspectos intrínsecos de uma obra literária e os aspectos sociais que a cercam, permeia toda a evolução da Literatura. Não há motivação para se estranhar a abordagem que une esses dois polos. De tempos em tempos, a Literatura absorve as contextualizações históricas específicas e localizadas traduzindo-as em construções significativas. Para Resende (2016)

Desde o primeiro livro publicado por Lima Barreto, estabeleceu-se um conflito definitivo entre sua produção literária e os detentores do poder cultural na *cidade letrada*, capital da República Velha. Se a ruptura com os “mandarins da literatura” faz com que lhe seja negado o discurso legitimador da crítica oficial, a situação à margem garante à sua produção a preservação da independência. Diante das dificuldades de edição dos romances e contos que segue escrevendo, ima Barreto busca na imprensa a forma de veiculação de sua escrita. Apartado dos grandes jornais, atuará em revistas, publicações de oposição ao regime, de associações de cunho político-corporativo, em periódicos de pequena circulação, frequentemente *empastelados* pela censura. Essa colaboração constante na pequena imprensa será definidora do perfil de grande parte de sua produção literária: as crônicas (Resende, 2016, pág. 17).

O conceito de Literatura pode ser bastante amplo, fato ainda mais premente quando observamos os múltiplos gêneros que podem ser explorados dentro desse conceito. No que tange à delimitação que abrange um trabalho minucioso com a linguagem, esse conceito se torna bastante evidente. Essa relação dicotômica ocorre em graus díspares.

No caso de Lima Barreto, viu-se que a própria experiência prévia e pessoal do autor foi o fator condicionante para a elaboração de um número bastante substancial de sua obra. Para o escritor Maurice Blanchot (2011):

“O outro aspecto é que o artista que se oferece aos riscos da experiência que é a dele, não se sente livre do mundo, mas privado do mundo, não senhor de si mesmo mas ausente de si mesmo, e exposto a uma exigência que, ao repeli-lo para fora da vida e de toda a vida, torna-o vulnerável a esse momento em que nada pode fazer e já não ele próprio (Blanchot, 2011, p. 49).

Desse modo, esses dois polos tornam-se necessariamente interligados, como num processo de comunicação contínua, onde um preenche determinadas lacunas do outro. A convergência entre um eu sensitivo e perceptivo e as diversas constituições humanas – com suas particularidades - pode parecer, à primeira vista, destoante, mas fundamenta-se em Lima devido ao seu passado constituidor e determinante.

Longe de reduzir sua prática literária, essa constituição prévia serviu como ponto balizador da obra do escritor carioca. O processo de elaboração estética observado na experiência literária de Lima Barreto demonstra uma clareza de atuação que associa o nível literário ao universo macroestrutural que abrange a sociedade. Logo, tem-se, na possibilidade de realização advinda do construto literário, a instauração de um narrador que age como observador de uma realidade delimitada, mas que sabe-se possuidor de um potencial empírico de intervenção dentro de um escopo social.

O hospício age como outro fator redutor (além do contexto social adverso) para o escritor no momento em que expressa um ato de desnudamento moral e humano para este. Para Mascarenhas/Lima Barreto:

Pela primeira vez, fundamentalmente, eu senti a desgraça e o desgraçado. Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia. Felizmente, fui logo transferido, mas não sem passar dolorosos minutos à espera de ser vítima desse vício mental dos nossos métodos. Pouco lógicos, por isso demasiadamente objetivo; impacientes, por isso aceitando em globo a “autoridade”, arriscam-se a de boa fé cometer os erros mais grosseiros e funestos no exercício de sua profissão. Falta-lhes crítica, não só a mais comum, mas também a necessária do grau de certeza da experiência e dos instrumentos em que as refazem. Transferido de seção, eu fui parar nas mãos de um médico de outro feitiço mental, cuja inteligência, solicitada e atraída para outros campos de atividade, davalhe mais dúvida, mais necessidade de reexame, no que propusessem os seus colegas, de modo a não se permitir liberdades com a vida dos outros. (Barreto, 2010, pág. 246).

Assim, o escritor vê a potencialidade transformadora de sua construção associando-a a uma forma condicionante de viabilização de uma intervenção estrutural no cerne de determinadas camadas sociais. Como afirma Kilomba (2019):

O termo *sujeito*, contudo, especifica a relação de um indivíduo com sua sociedade; e não se refere a um conceito substancial, mas sim a um conceito relacional. Ter o status de *sujeito* significa que, por um lado, indivíduos podem se encontrar e se apresentar em esferas diferentes de intersubjetividade e realidades sociais, e por outro lado, podem participar em suas sociedades, isto é, podem determinar os tópicos e anunciar os temas e agendas das sociedades que vivem. Em outras palavras, elas/eles podem ver seus interesses individuais e coletivos reconhecidos, validados e representados oficialmente na sociedade – o status absoluto de *sujeito* (Kilomba, 2020, págs. 74-75).

Kilomba, nessa delimitação, traz à tona a possibilidade de estabelecimento de um elemento dotado de capacidades modificadoras em termos sociais mais abrangentes, no que tange à atuação dentro desse complexo. Isso põe em primeiro plano a atuação de um elemento - ou elementos - que se constituem como seres autônomos ao entrarem em contato com uma realidade externa capaz de reduzir suas potencialidades de desenvolvimento. Esse desenvolvimento, é importante frisar, transita em várias frentes de realização do indivíduo, que se manifestam de forma múltipla na sociedade (economia, arte, política).

É aqui que percebemos a formação do escritor de Clara dos Anjos e o esboço que antecede o ponto de partida para o desenvolvimento de sua obra. Em *O Cemitério dos vivos*, Lima Barreto não buscou se desvincular dessa referência anterior. Ao mostrar, com cruzeza, a vulnerabilidade do ser humano, o escritor nos trouxe, na verdade, nossas incongruências, nossos medos e fracassos assim como nossa capacidade, facilmente diluída para incapacidade, de buscar o não enfrentamento diante dos vícios humanos.

Percebemos, no desenvolvimento dessa pesquisa, que a manifestação literária não se acomoda em condicionantes formais que se agrupam através de perspectivas simétricas. Há, na verdade, a confluência de fatores divergentes, oriundos de percepções múltiplas, que concorrem para a reafirmação do objeto literário enquanto condutor de nuances fortemente atreladas ao campo social. Desse modo, há uma forte viabilização no que tange ao recrudescimento da relação entre os planos literário, social e subjetivo.

Para Lima Barreto, essa relação comunicativa e expressiva é amplificada consideravelmente levando em consideração a construção de suas obras literárias. Em *O Cemitério dos vivos*, há uma viabilidade inteligível para desenvolvermos esse quadro relacional, pois o panorama estético exposto por Lima Barreto em sua abordagem literária é

não somente consciente, mas também amplificado diante da complexidade histórico-cultural demonstrada nos primeiros momentos que acompanham a sociedade brasileira no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

À vista disso, sugerimos que a relação entre a arte literária e as implicações de ordem social que acompanha o seu processo de desenvolvimento seja objeto de um aprofundamento maior, não como um fator dogmático que impõe à literatura uma perspectiva única, mas como um meio de ampliar o construto literário dando-lhe, por conseguinte, uma forma de abordagem que não rejeita essas variantes externas, mas sim que as vê como complementares e decisivas para o desenvolvimento da manifestação literária.

Referências

Barreto, L. (2010). *Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos*. (2010) São Paulo: Cosac Naify.

Blanchot, M. (2011). *O espaço literário*. Tradução: Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Rocco.

Calvino, I. (2006). *Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade/ tradução Roberta Barni*. – São Paulo: Companhia da Letras.

Candido, A. (2006). *Literatura e sociedade, Ouro sobre Azul* | Rio de Janeiro.

Candido, A., Rosenfeld, A., Prado, D. A., & Gomes, P. E. S. (2009). *A Personagem de Ficção*. São Paulo: (11a ed.) Editora Perspectiva.

Costa, M. T. A. (2018). *Diário do hospício de lima barreto: auto ficção e escrita fora de si. Escrituras del yo como formas del ensayo. Autobiografía, autoficción, cartas, diários, testimonios en textos latino-americanos*.

Cuti. (2009). *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Facina, A. (2004). *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Foucault, M. (2013). *História da Loucura*. (9a ed.) Tradução: José Teixeira Coelho, São Paulo: Perspectiva.

Hidalgo, L. (2008). A loucura e a urgência da escrita, *Alea* vol.10 no.2 Rio de Janeiro July/Dec. 2008, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000200005, acesso em 30 de outubro de 2018.

Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo*. Rio de Janeiro: Cobogó.

Lejeune, P. (2003). Definir autobiografia. *In: MOURÃO, Paula (Org). Autobiografia. Auto-representação*. Lisboa: Edições Colibri.

Oliveira Lima, M. Prefácio. *In: BARRETO, Lima. (2011). Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Publicado pela primeira vez em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1916. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras.

Pereira A.S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSMV.

Resende, B. (2016). *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*/Beatriz Resende. – (2a ed.) rev. – Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Schwarcz, L. M. (2017). *Lima Barreto: triste visionário*, (1a ed.) – São Paulo, Companhia das Letras.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

José Vieira Chaves Neto – 100%